

Luta e Resistência pelo Território



2



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

COMUNIDADE QUILOMBOLA
KAÁGADOS
TOCANTINS



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo N° 2 Fevereiro 2018

Coordenação Geral do Projeto
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento
Sustentável no Brasil Central**

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)
Alfredo Wagner Berno de Almeida(UEA/UEMA)

Equipe de pesquisa

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)
Evandro Moura Dias (COEQTO)
Lourivaldo dos Santos Souza (COEQTO)
Maria Aparecida Ribeiro de Souza (COEQTO)
Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

Edição

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)
Evandro Moura Dias (COEQTO)

Transcrição de áudio

Evandro Moura Dias (COEQTO)

Cartografia e mapas

Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

Fotos

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

Membros da Associação Quilombola Kaágados

Domingos José de Moura.
Edivaldo Martins dos santos
Evandro Moura Dias
Joecila José de Moura
Joelice José de Moura
José Santana de Moura
Josemi Benício de Moura
Josiel Benício de Moura
Juraci José de Moura
Leandro Moura Dias
Lucilene Moura Dias
Lucrecia de Moura Dias
Luziene Moura Dias
Marcilene Moura Dias
Maria José de Moura mesquita
Pedro Ribeiro Dias
Renison Moura Dias
Renilson Antônio Dias
Tarcila José de Moura Araújo

Projeto gráfico

Philippe Teixeira



Ficha catalográfica

L973

Luta e resistência pelo território – Comunidade quilombola Kaágados, Tocantins / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 02 (Fev. 2018) / Coordenação da pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves et al. – Manaus: UEA Edições, 2018.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-467-8

I. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Quilombolas I. Título.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

Comunidade Quilombola Kaágados

Na região sudeste do Estado do Tocantins inicia-se a exploração do ouro por volta de 1700. Chega nesse período à região um grande número de Africanos escravizados para trabalharem na mineração. Muitos destes Africanos fogem da escravidão e criam um grande número de quilombos na região. Em 1734 é fundada a cidade de Arraias. Os quilombolas produzem e comercializam seus produtos, consolidando-se. Como resultado desse processo de escravidão e rebeldia, com a consolidação dos quilombos, temos hoje no município, segundo o Censo do IBGE de 2010, uma população de 88,52% de pretos e pardos. A Comunidade Quilombola Kaágados aí localizada, embora tenha consolidada, vem sofrendo a invasão do seu território tradicional há muitas décadas. Entre os anos de 2016 e 2017 foram realizadas oficinas de mapas e sucessivas reuniões com integrantes da Comunidade Quilombola Kaágados. Esse diálogo possibilitou a elaboração deste fascículo.



Vista geral do território da Comunidade Quilombola kaágados

Comunidade Quilombola Kaágados

Amanhã tô de viagem lá pras banda do sertão
Deixo minha casa munida de carne, farinha e feijão
Se houver precisão em casa, cê vende o cavalo alazão
Essa viagem que eu vou, mulher, eu vou trova mais o
cão, ai, ai

Mas quando eu fui falando assim, ai, ai
Que eu olhei lá pro caminho vi o beicho de Rifolego e o pé
de mata capim
Mas a primeira vez que vi, nunca vi tão feio assim, ai, ai

Olha lá Joaquim Regino, a pois eu vim pra conduzir,
Não volto desarrumado podendo adquirir, ai ai

Valei-me nossa senhora, ai, ai, que eu de Deus sou
afiado,

Espero de São José que protege homens casado,
Espero de São José para ser meu devogado, ai, ai

Olha lá Joaquim Regino pra acolá cresceu uma nuvem,
Mas com uma grande ventania,
Quando eu não gosto de negro Joaquim Regino,
Não é de hoje já faz dia, hum, hum

Com a grande ventania Satanás apipocou, martelo e galo
piou,

Joaquim Regino ficou, formiga de chocalho, formigão de
granadeira,

Eu vi cachorro mandando na feira trocar dinheiro,
Sapo fogueteiro comprando material,

Eu vi macaco junto tomando dinheiro em juro.



Domingos José de Moura Velho

Domingos José de Moura Velho

O povo da Comunidade Quilombola Kaágados

“ Meu nome é Domingos José de Moura, sou filho de Cirilo José de Moura, que morreu com 96 anos, e Josefa Marques Moura, que morreu com 86 anos. Nasci em mil novecentos e vinte e sete. Nasci aqui na fazenda Kaágados, meus avós também nasceu aqui. Aqui criei e aqui tô. Ali pra lá tem a certidão da tapera do pai dele, cê viu tem uns pés de manga, tem o quintal, tem um velho curralzinho que ele tinha bem ali e ai foi que meu pai nasceu. Eu não sei, só sei que meu avô morava aí, o pai do meu pai morava aí, morava aqui e meu pai nasceu aí, criou aqui e morreu aqui, eu nasci bem ali e tô nessa idade aqui. Minha avó era escrava, era escrava num sei onde. Ela era ferrada mesmo, disse que existia essa marca, eu mesmo não conhecia não, disse que era marcada na par ou queixada pro patrão ver. Meu avô que num sei. Toda vida aqui, o povo aqui nascia, ficava velho e morria aqui na região, nunca teve saída, os mais veios nasceu aqui e morreu aqui.

Domingos José de Moura Velho



Domingos José de Moura Velho

“Aqui era um povoado, aqui tinha gente, agora hoje é que não tem, no tempo do meu avô, aqui os filhos era tudo aqui, os filhos dele, aqui tinha tio Romão, minha mãe, tia Joana, tia Lina, tia Maria, Franço, tio Joaquim, morava tudo aqui. Fora os outros que não era filho dele, tinha a velha Joana que morava aqui, tinha Joaquim, a velha Benedita, tinha Fortunata, tudo morava aqui esse pessoal. Foram expulsos, exprimido igual carrapato na unha, sai ou não sai, aqui quem tem aguentado taca, aqui foi eu e Jura aqui, mas o resto correu tudo, só ficou nois dois aí, depois que nois ficou aqui, que nois não correu, ai os outros foi chegando ai. Vei tio Domingo que tá morando ai, depois vei Di, esses é os que tem aqui agora. O resto ganhou chão, o Zé meu irmão morava aqui, o trator vei derrubou a casa dele, ele correu, foi embora pra Campos Belos, a sobrinha do mesmo jeito, foi embora pra Campos Belos, e foi assim um atrás do outro, foi embora não aguentou não”.

Domingos José de Moura Velho

“Ser quilombola é você ter algumas características que põe você como quilombola, a formação da identidade, seu contato com a terra, o processo de luta, nas comunidades temos uma coisa em comum, presente em todas as comunidades, é o conflito com os fazendeiros, essa questão da grilagem dos fazendeiros chegar e querer tomar as terras das comunidades, a questão da violência contra o povo na comunidade. Ser quilombola é ser uma comunidade, é ser uma família, é ser negro e viver da terra. Os quilombolas descendem dos povos africanos, que foram tirados das terras deles na África, e foram trazidos para o Brasil pra poder trabalhar nas mineradoras de ouro. Aqui no município de Arraias mesmo é famosa por ter tido um grande peso de negros que foram trazidos pra trabalhar nas minas de ouro. Aqui do município de Arraias nos negros não estamos aqui pra poder servir, por isso estamos sempre lutando por nossa liberdade. Ai onde surgem as comunidades, como a Lagoa da Pedra, Mimoso, o povo foi fugindo pra estes lugares mais remotos. Aqui é um lugar remoto, por que aqui é isolado de tudo, esses lugares não tinham acesso dos senhores aqui. E assim

a gente surge da descendência de pessoas vindas da África, não é que eles eram escravos, eles foram usados como escravos, mas eram pessoas livres que foram trazidas pra cá à força, e aqui a gente também tentou buscar a liberdade e nisso cria as comunidades isoladas de tudo, ser quilombola é isso.

Evandro Moura Dias



Leandro Moura Dias, Renilson Antônio Dias, Renison Moura Dias, Evandro Moura Dias

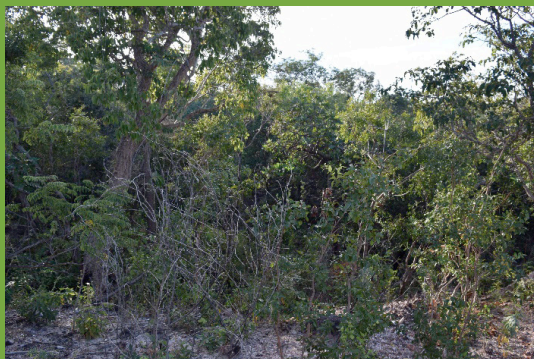
Os modos de vida na Comunidade Quilombola Kaágados



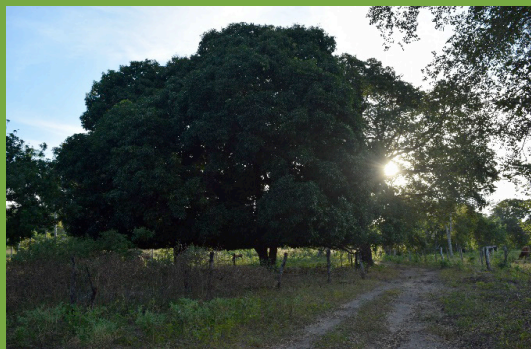
Vegetação de Cerrado na Serra da Comunidade Quilombola Kaágados



Serra da Comunidade Quilombola Kaágados



Mata da Comunidade Quilombola Kaágados



Quintal na Comunidade Quilombola Kaágados

“ A vida aqui, nois fazia a rocinha, plantava o arroz, plantava a mandioca, plantava o milho, o feijão de corda, porque o de arranque nunca prestou para dar aqui não. O feijão de corda e tudo aí nois comia, vendia pra poder comprar o pedacinho de pano pra nós, criava um porco, matava, vendia, outra hora vendia em pé pra alguém, e era assim a vida nossa, era assim comendo do suor de dentro da cultura, era assim que nois era. E lá na comunidade, lá eles tinha tudo, só não tinha esse negócio de café, doce era de cana lá, tinha muita cana. Era fabricado lá mesmo, o açúcar, a rapadura, era feito lá, agora o café era aqui e o sal que vinha de Barreiras. Nois caçava, ia no mato pegava um tatu, pescava, não tinha rede nem tarrafa, pegava o anzol e ia lá, pegava traíra, piau, trazia passava farinha dentro e comia, e ia trabalhar, e era assim, assim que era a vida tudo lá. Olha a mata era solta, mas quem tinha vaquinha, duas, era solta aí na mata, nois fazia as roças mas num formava, porque num precisava porque pasto tinha demais, antonce nois num formava pasto, os bichos era solto aí, comendo a vontade, comendo o agreste e os araguaias e tudo, tanto comia o nosso como do pessoal fazendeiro e do vizinho, num tinha cerca não. As vezes tinha o seu gado solto acolá, seu vaqueiro caçava lá, e me procurava, cê viu meu gado, eu vi em tal lugar, ele vinha campear aqui dentro, apanhava e levava, mexia com ele lá, ficava, quando soltava o bicho vinha. Não tinha esse cerquismo de segurança, seu bicho tá comendo na minha área, não senhor, não tinha isso não. As matas era tudo fechada, tudo era campo não tinha cerca, não tinha cerca de divisa tinha só os limites, as famílias passava pra área do outro e outros pra área nossa, era assim, ninguém corria atrás disso, não era tudo liberto era tudo campo. As águas era tudo solta, não tinha água fechada não, tinha mais água, tinha bastante água, tinha o rio Almesca, rio Areia, rio Kágados, fora as lagoas que criava água, que criava e num secava, e aí com esse negócio de desmatamento acabou tudo, até as água dos córregos está acabando, era o ano todo, agora não é mais, agora não é mais não. Tem lugar aqui que nois trabalhava, eu mesmo não sei como que trabalhava não, mas meus pais trabalhou, meus avôs conheci trabalhando, tinha roça de cana, molhava com água de regra, os córregos daqui tinha, o outro aqui que trabalhava também fazia represa, e aí soltava a água pros mantimentos, milho, feijão, mandioca, mas hoje só se apanhar no balde a água, tá lá embaixo, miudim, pouquinho, não tem essa quantidade do que era mais não. Bom, ali onde vocês passaram lá na casa, ali era um barracão feito pelos escravos, barracão de palha aberto, ali dentro tinha forno de farinha. Dos escravos, moravam aqui, eles tinham o senhor deles, viviam nela, era um barracão tampado de palha, só não era fechado em roda. Lá dentro tinha forno de farinha, fornaia de fazer rapadura, o engenho era aí dentro, era escaroçador puxado de mão. E eles cercaram a mata, era cercado por fora, todo mundo queria plantar, pedia, vou derrubar aí uma tarefa, duas, eles plantavam porque o gado era solto, então cercou o mato. Então tiveram que derrubar e plantar mandioca, aí dava que eles não dava conta de colher, de proveitar, ficava aí comia peba, caititu, cutia tudo que dava aí. As terras era dos meus bisavôs. Bom era assim, eles trabalhavam aí, colhia seus trens dele, uns ia embora pra suas casas, outros morava lá mesmo, ficava aí até a idade. Agora o barracão eu conheci, ainda era um barraco como lá da casa de Pedro, lá ni Arlindo na mata. Mais de 1 km, é sim, e era todo cercado, como não tinha lona era com pauzinhos de fulquia, cercava a mata pra solta o gado, agora ali no tempo de roço um queria pranta ia lá no meu avô, pedia ele um pedacinho, ele dava a pessoa derrubava e plantava. Ele dava pra plantar pra ele mesmo, ai tirava os trem de dentro ficava a terra lá, ali eles plantava arroz, plantava milho, plantava a mandioca, plantava a cana. Dentro do barracão tinha oficina de mandioca, tinha forno feito de pedra, o ralo era feito foia grade pra rela, e jogava na prensa, feita de vara, enxugava, e todo mundo fazia farinha ai viu. Bom a cana, tinha uma tira de cana, cana boa naquele tempo era a cana caiana, nois ia moer

no escaroçador, o escaroçador é assim aqui, é uma moenda aqui e outra aqui, tem uma fulquia pra bota as duas moenda dentro, ai passa um pedaço pra cá, e tem um buraco pra meter uma crus de pau, ai é só pegar e rodar na mão. Era quatro pessoas, batia moendo, fazia fornaia, o dia que pegava cedo muia dois tacho, dava 8 pedaço de rapadura. Aí dividia entre os quatro. Não pera aí, assim a cana era sua, muia três tacho pro cê, ai depois muia três tacho e dividia entre os quatro. Fazia farinha que abusava, quando ficava lá, quem comia era peba, cutia, catitu, era mandioca que virava pau aí no meio do mato, aí foi ficando uma fulquia quebrava um ia colocava, o tempo foi passando o povo deixou de plantar, os vei foi indo, e certo é que ficou Getúlio morando na cabeceira do barracão, tinha até um pé de laranja lá, não tem mais porque eles rancaram.

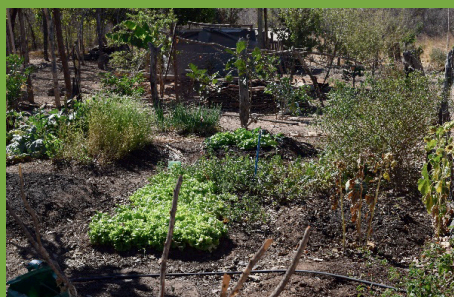
Domingos José de Moura Velho.



Barracão e equipamentos de trabalho



Quintal produtivo



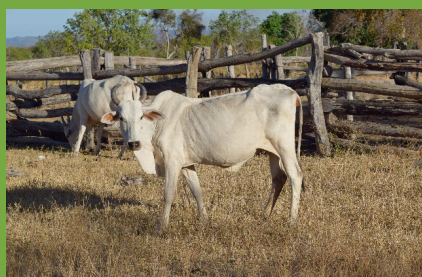
Horta



Curral tradicional



Gueroba – planta utilizada para extrativismo de palmito



Criação de gado

“ O território, a invasão e os conflitos

Começa na passagem do lago, Murici de fora, lagoa do Toco, baixa do Licuri, esgoto do Bangue, arriba até a ponta do morro de Andrade, desce as grotas das Cutias a baixo, mais em baixo é as Areias, lá adiante as Areias entra na Almesca, desce e fecha na passagem do lago. E esse é o limite.

Domingos José de Moura Velho

Nem energia que nos outros lugares tem nos aqui não tem, aqui só um bucado de esquecido aqui ó. Teve aula aqui, mas a escola acabou, até isso tiraram.

Domingos José de Moura



Território da Comunidade Quilombola Kaágados
grilada e cercada

“ A gente conhecia eles aqui por outras fazendas, mas por aqui eles não existia não, lá pro município de Arraias, pra lá o território deles, pra lá. Ah, eles começou a entrar nas terras nossas parece que foi em cinquenta, é eu acho que foi em cinquenta e sete. Então o trem começou foi assim ó, eles saiu mentindo que tava

comprando a Pedra Preta viu, mas era mentira ele tava assuntando o local da terra, mas que eles tava lá pra compra a Gameleira, mas os ladrão saiu corrigindo os Patos e os Kaágados. Indo no limite da terra, aí depois ele foi lá e falou pra meu pai ceder aquele barraco vei que era a casa do Getúlio, Getúlio morreu, a mulher ficou ai morreu também, ficou a casa lá. Nos falou de bota fogo na casa, lá no lugar da casa era um barracão dos cativeiros, ele falou pra o meu pai ceder o barraco que eles ia fazer um serviço na Gameleira, ai meu pai falou pode. Por que só tem um córrego no meio, lá adiante de onde ele fez o acampamento era a fonte dos Kaágados pega água no Almesca, e era fonte da Gameleira pega água no Almesca, a divisa era essa, e todo mundo respeitava. Bom do lado de cá da Almesca era a fazenda da senhora de Josina, mais a família Franco na Gameleira, e do lado de lá só tinha meu pai. Ele limitava com a família Oliveira, que é ali onde é a Pecuária, e com o senhor Romão dos Anjos, aí agora assubi limitando, e batia no fundo do Bangue, limitava mais o Rufino, que era da Terra Branca, que ficava entre o Bangue e o Jenipapeiro era a fazenda de Rufino, até a cabeceira do Morro de Andrade, pra lá Sambaíba e pra cá Kaágados. Ele chegou entrou lá na tapera, daí ninguem tava ligando por aquilo não, ele disse que ia trabalhar, e ficou lá, e nunca tocou serviço, e isso vai e vai. Com pouco, ele colocou um Benedito Braçinho lá, pra corrigir o que o Didi nunca fez nada, e nem o benedito fez. Ele só prestava pra matar boi dos outros a troco de reza, ai vai, vai, com pouco ele meteu a foice e derrubou de onde era a casa pro rio, ai

meu pai falou Didi tá fazendo este serviço ai, foi lá e falou pra ele, ele disse que não, que ele tinha comprado uma terra na mão do Benedito, meu pai falou ele não tem terra aqui não. E aí o que ele fez, quietou, não movimentou, com pouco ele voltou pro lado de cima, derrubou lá e jogou capim, aí o Amauri falou pra o Didi que ele colocasse gado aí, se não ele perdia a fazenda. Nisso meu pai tinha vindo aqui em Arraias. Ele era irmão (do Didi), bom aí ele colocou o gado, os gado arrancou o capim quase tudo. Aí ele pegou foi Domingo, ou foi Zé, pra se apontador pra eles, aí depois botou ele pra fora e colocou o Leu, aí o Leu morreu aí, eles colocou o Gustavo lá, bom aí ele nunca trabalhou na Gameleira viu, ele nunca teve nada lá. Aí foi logo ele arranjou a escritura. Foi tempo que o finado Zolia morreu e Lina queria aposentar de viúva, aí ela topou com ele não sei aonde, aí ele falou, cadê Lina cê já aposentou, ela diz não, por que não, moço tá faltando o INCRA, aí ele diz, uai seu pai não tem não, tem, ele disse uai ce pega o INCRA vai lá em Carlos Augusto, ocê já sai de lá aposentada. A besta vape no escritório, quando ela chegou aqui no escritório ele tava, ela conversou com Carlos Augusto que ela queria aposentar, ai ele mexeu lá e falou tá pronto dona, ai ela foi pega a escritura pra carregar, aí ele diz, não deixa esta escritura aqui, o que você vai fazer com ela, lá ocê não vai ter precisão dela lá, deixa aqui depois cê panha. A besta achou que era isso mesmo, eles queria ficar com ela, fico lá com a escritura, quando foi no outro dia, quando ela voltou lá pra panhar a escritura, eles falou não ainda não tá pronta não, ocê vem daqui uns três dia. Ela foi e voltou pra pega, o papel e a escritura, aí ele entregou ela a escritura e falou, essa aqui cê pode joga fora, já tava o nome do Didi. Matou o nome do vei na escritura, escreveu de verde e botou em cima o nome dele e da Zélia, que era mulher do Didi. Ai agora desgraçou tudo, quando nois chegava na rua, nois só tinha a escritura de 10 alqueires, eles fez outra escritura, só que nois não tinha ela na mão não, nois só tinha ela lá no fórum, iá lá, eles não vocês só tem aqui 10 alqueires. Outra hora nois nem era recebido, nois procuremos a lei, mas a lei aqui era deles. Eles diziam não, aqui vocês só tem 10 alqueires, o Didi saiu mentindo aí pra o juiz que ele tinha comprado uma terra e quentinha, uns posseiros lá dentro. Que uns tinha morrido e outro tinha mudado, e o que que o juiz dizia pra ele, cê tira um pedacinho em volta da casa deles e ai quando você pôr as criações que começar a atentar, eles dana e vende procê, procê ver o que eles é. Bom, ai eles foi lá e mediu 2 alqueires em roda da casa de cada um, eles mediu mais nois nunca assinemo nada, aí depois que eles fez isso, eles fez o documento. Tava lá atrás de um pra assinar pelo meu pai, depois de três anos que o vei tinha morrido, dizendo que tinha vendido pra eles. Prometeu pegar a Pedra Preta e dar pra nois, trocando, queria que nois vende a dinheiro, nois não quis, troca pela Cana Braba, nois não quis, pelo que eu conheço lá, só tem tucum, rabada de buji e arraia no rio. Queria troca no cabeçudo, nois não quis, aí eles falou ceis não que trocar mais eu tomo. Agora eles sabe fazer tudo quanto é papel, junto com Carlos Augusto, que entregava o escritório pra eles, ai eles fez esse inferno que tá lá. Saiu, porque quando queria fazer um serviço, já não tinha onde, e a promessa deles lá era de matar. Igual nois ficava sabendo que eles tinha chamado os jagunços lá pra pegar a família Moura, e dar um cacete, matar o que fosse lá. Ai o povo foi escapulindo tudo, não tinha nenhum pra fazer ameaça também, quando começava uma roça eles chegava e colocava pra pará, ai o povo que não morreu foi saindo. Eles chegava lá falando até de amarrar o povo lá pra medir a terra.

Domingos José de Moura Velho



Estradas e cercas na parte grilada do Território da Comunidade Quilombola Kaágados

“ Uai, chegava mandava retirar da casa, eles dava um prazo de tantos dias pra o povo saí, senão vinha e empurrava, empurra com trator, aqui empurrou umas duas. Casa de meu irmão, casa de uma sobrinha minha, uma da minha irmã, foi tudo pro chão.

Domingos José de Moura

tinha água, mas hoje tem água não. Depois de desmatar ninguém vê mais nada aqui não, desmatou tudo os bichos sumiu, os que não comeram, escurraçou. Jogou capim, tá tudo formado, a área que eles desmatou, formou tudo, tá tudo dividido os pasto.

Domingos José de Moura



Estradas e cercas na parte grilada do Território da Comunidade Quilombola Kaágados



Leito do rio Kaágados seco

“ Desmatou, tinha a mata de reserva, que tinha aí eles acabaram aquela todinha, Aroeira, Ipê, Jatobá, derrubou tudo. O rio tinha, o rio não secava não, o rio hoje não tem mais água, o da Almesca a água já não corre mais, já tá criando lodo, vai secar. Eles desmataram tudo isso, acabou com a água. Acabou, nois tamo sem água, em vista do que era,



Cascaiera – área alagada destruída pelo desmatamento

“ Muita gente morando aqui, no mínimo tinha umas vinte e poucas famílias morando aqui, e assim tinha vez que tinha duas famílias que morava em uma só casa, e não fazia casa por que eles não deixava, e o povo tinha medo deles atacar eles, por que eles não aceitava, aí só ficava a ribuleira, por eles ficava desmanchando coisa que a gente tinha feito.

Pedro Ribeiro Dias



Pedro Ribeiro Dias na cerca derrubada



Pedro Ribeiro Dias com o arame da cerca derrubada

“ Eles pegaram foi quase toda porque pelo limite que a gente conhece, então o seguinte, eles pegaram a terra toda, ficou um pessoal aqui recanteado, e a terra melhor é a que eles pegou, que era onde o povo trabalhava e tinha fatura das coisa. Assim, como a gente tinha pouco conhecimento, e a gente sempre ocupava era a lei de Arraias, e então o seguinte, essa lei parece que era deles, por que quando chegava lá,

boca já tava tomada, e aí a gente ficou sem entender, o pessoal não saia pra fora, hoje já diferenciou um pouco. Bom isso aí já é coisa mais recente, nós tava tudo aqui, os policia vieram aqui sim, isso foi mais ou menos em 2007, aí o oficial Joaquim Barrete chegou aqui com dois cara dizendo que era polícia e tinha vindo mandado do juiz. Dizendo que nós viemos pra derrubar essa cerca aqui, já era pra nós ter vindo, mas não leu nada pra nois, aí um dos cara que vei disse que era capitão do quartel, o outro disse que era polícia e perguntou se nois tinha revolver, espingarda, se nos confrontava com eles. Nois falamos não, briga com autoridade não tinha jeito, aí eles foram e disse que com cinco dias eles voltava, quando foi três dias depois eles vieram com a polícia aí, e derrubou tudo, só se vê, cortou a cerca empurrou de trator, arranjaram um trator mais Amauri, que era irmão do Diolindo.

Pedro Ribeiro Dias

“ Depois de 2001 pra cá que eles fez esse serviço mais novo deles aqui, o que eu sei contá é que sempre a pressão deles com nois aqui era grande, sempre falava que ia trazer pistoleiros, falava se nos reagisse ia até prender nois, que ia pega nois e leva pra Goiânia, eles falava isso e nois aqui. Na verdade nois já ficava com medo, por que quando zoava um carro nois já saia fora de casa, ficava mais protegido fora, por que nois sabia de um trabalhador deles que era amigo da gente e avisava, tá chegando, tá chegando tal fulano assim, assim, cês toma cuidado. Que estes homens só meche é com pistoleiros e polícia e vocês sabe que não dá conta de reagir com eles, claro que a gente já sabe mais ou menos a fama deles, mas aí nos falava nois tamo aqui e daqui nós não abre não. Nós pega pela justiça, e onde a gente ia, Jura e pai Domingos ia atrás da justiça, mas nos não tinha o apoio da justiça. Aí onde gastava muito com advogado, até chegou

neste ponto. O primeiro advogado que a gente conseguiu parece que já era deles, já gastamos e ele não resolveu nada. Aí ele disse assim, não tá bom, veio aí derrubou a cerca da primeira vez, da segunda vez, veio derrubou, aí passamos pra o advogado, ele falou vocês se vira aí, vocês não são homens não, não foi Jura. Falou desse jeito, depois ele ficou com medo de uma pressão, aí ele mandou uma mulher aqui pra assinar como ele não era advogado nosso mais, sendo que o dinheiro que nos tinha pago ele ficou com ele, 3000 contos na época. Mas nem por isso nos baixamos a cabeça, também não, e então vocês faz assim, por que vocês não dá conta de nada, por que não vende pra os próprios que tá com a terra. Nos falou moço, nós não tá com terra aqui pra vender não, nos tá com a terra aqui é pra nos trabalhar, aí nós ficou aí, vai em cima, vai em baixo, lutando aí.

Renison Moura Dias.



Cercas na parte grilada do Território da Comunidade Quilombola Kaágados

a fazenda aqui é nossa, eu falei, mas nós tem a escritura da fazenda aqui, eles, a fazenda é nossa mesmo, não tem conversa não, vou conversando com vocês numa boa aqui, por que vocês não vende essa terra ou pro Davi ou pro Rodrigo. Quem falava isso era os próprios pistoleiros junto com oficial de justiça, os encarregados deles, eles vão paga pra vocês uma grana boa, eu falei, sou dono por que moro aqui, mas o dono é minha mãe, meu pai, e eu não posso vender não. Assim tirando, por que se eu falasse nós não vai vender não, pra eles sai fora, por que senão eles podia querer um hora vir com violência pro lado da gente, aí vocês tem que conversar é com eles não é comigo não, aí ia levando assim, até eles desistia, e nem só pra mim eles falou, falou pra mim, falou pra domingo, falou pra jura, muitas veis. Arraias pra nós não tem justiça, eles chegava aqui, nós falava, nós não vai em Arraias, a justiça lá era comandada pra o lado deles. Porque eles tem dinheiro e nós não tem pra gastar com eles, o problema é esse. Hoje o que eles queria eles conseguiu, por que nós queria hoje a família Moura todo mundo aqui na nossa comunidade, mas como não tá todo mundo, nós tá lutando pra que chega. Mas hoje nós se sente uma pessoa prisiado, em vista do que nós tinha pra o que nós tem, nós estamos prisiados. Mas o que eles queria eles conseguiu. Eles queriam a terra, eles conseguiram, nós leva a vidinha aí, igual nós tá, trabalhando aí nos quintal.

Renison Moura Dias

“ O que eles disse pra nos foi que o homem era rico, e que vocês não tem condição de tocar causa com eles, é melhor vocês vender pra eles, compra casa em Arraias ou Campos Belos ou Combinado, foi ou não foi Domingo.

Pedro Ribeiro Dias

“ E outra, quando eles tava fazendo esse desmatamento aqui, chegava todo dia lá em casa falando, moço porque que vocês não vende, nós já tem prova que

“ Uai o que nois quer hoje, nois adquirir o nosso, nois quer viver aqui o resto da vida, que o pessoal da roça não sabe viver na cidade, eu falo pra você que ele morando na cidade ele morre é logo, antes do dia, ele não sabe trabalhar lá dentro. Nois precisa aqui da ajuda do governo, nois precisa duma água, nois precisa de uma escola pros meninos, nois tá precisando de uma energia, que

aqui em roda tudo tem, e nois tá aqui no escuro, num tem nada, tudo essas coisas para nois tá esquecido. As terras tá tudo bagunçada, os fazendeiros já pegou, nois queremos a terra de volta, se Deus abençoar que nois tiver de volta.

Domingos José de Moura Velho



Membros da Associação da Comunidade Quilombola Kaágados

Associação Quilombola Kaágados – Município de Arraias, distrito de
Cana Brava

CEP: 77.330-000 • Fone: (63) 99267-8361 • evendrosaid6@gmail.com

Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins –
Município de Palmas, 403 Sul, Alameda 19, Lote 12,

CEP: 77.015-581 • Fone (63) 3216-3484 • coeqt@hotmail.com



Oficina de cartografia social

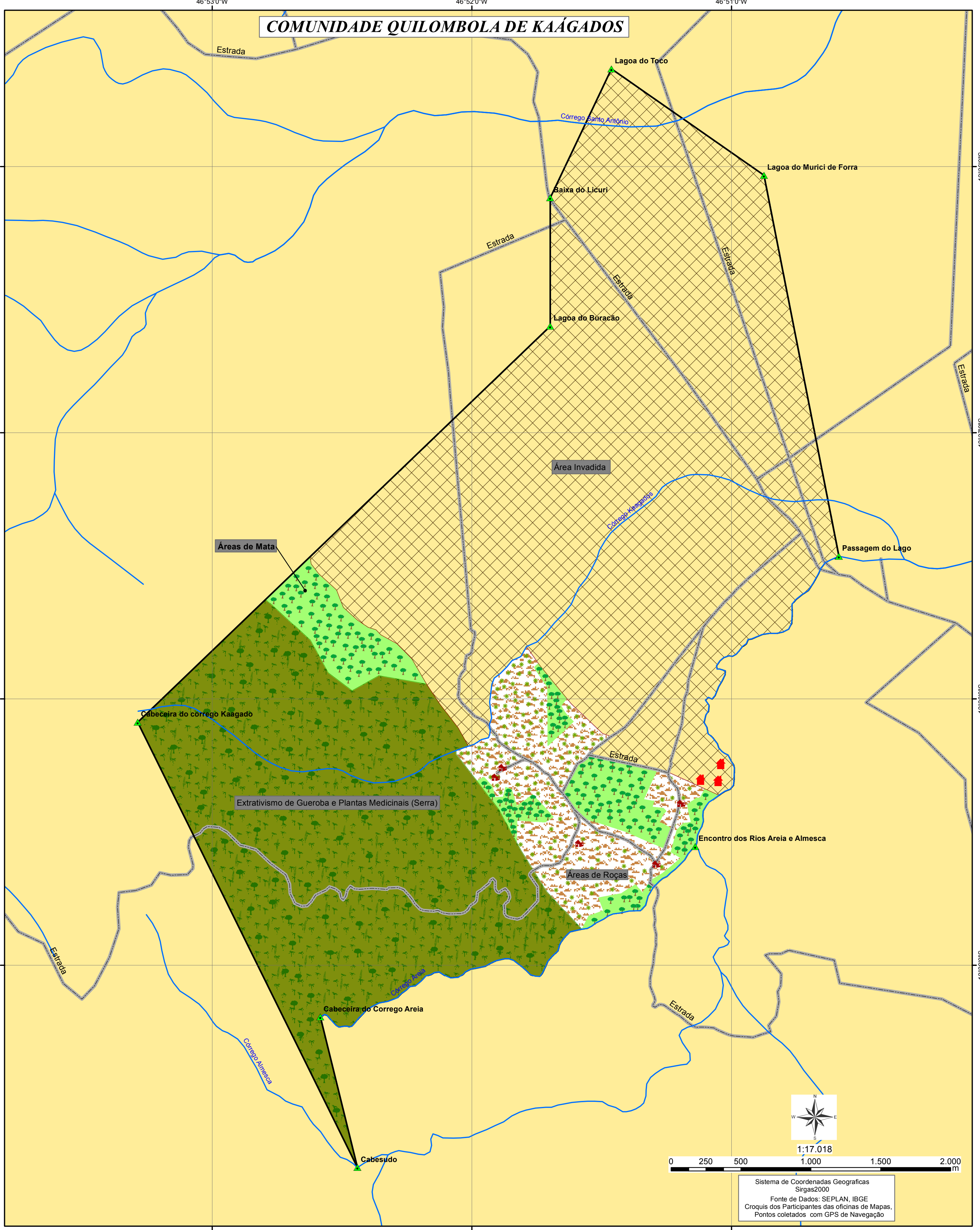


Quintal produtivo



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida
2. Luta e Resistência pelo Território.



COMUNIDADE QUILOMBOLA DE KAÁGADOS

TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE KAÁGADOS

COMUNIDADE QUILOMBOLA MUNICIPIO DE ARRAIAS

EQUIPE DE PESQUISA:
 Paulo Rogério Gonçalves (APATO)
 Evandro Moura Dias (COEQTO)
 Lourivaldo Santos Souza (COEQTO)
 Maria Aparecida Ribeiro de Sousa (COEQTO)

CARTOGRAFIA: Alcindo Alves Patricio Castro
 DATA: Agosto/2017

- Legenda**
- Pontos de Divisas Comunidade de Kaágados
 - Hidrografia
 - Casas das Famílias Quilombolas
 - Casas Derrubadas Pelos Grileiros
 - Estrada
 - Área Invadida
 - Extrativismo de Gueroba e Plantas Medicinais (Serra)
 - Áreas de Mata
 - Áreas de Rocas
 - Perímetro Comunidade Quilombola de Kaágados



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA
PROJETO BRASIL CENTRAL